

ACÇÃO EDUCACIONAL E DE INSTRUÇÃO CONTRA A GUERRA
REVOLUCIONÁRIA

A NECESSIDADE DO APERFEIÇOAMENTO DO CHEFE.
O VALOR DO EXEMPLO (1)

Gen MOACIR ARAUJO LOPES

O FLAGELO DO PARASITISMO E A SUA CURA

Huberto Rohden — filósofo brasileiro — autor de grande número de obras, de absoluta profundidade e espiritualidade, em um dos seus livros recentes, "Novos Rumos Para a Educação" — Livraria Freitas Bastos S.A., 1960, dá vazão a uma indignação, rara nesse autor, contra o flagelo do parasitismo, no Brasil. São expressões suas:

"É de conhecimento público, universalmente admitido e provado com fatos, que, sobretudo nos últimos cinqüenta anos, o Brasil degenerou no País clássico do funcionalismo parasitário. Centenas de milhares de pessoas vivem à custa dos impostos do povo, sem prestarem ao País os serviços correspondentes aos seus vencimentos. É uma clamorosa injustiça, uma roubalheira impura e, não raro, favorecida pelas autoridades públicas."

"Conforme o "Diário de São Paulo" de 22-8-958, o Presidente Juscelino Kubitschek declarou à imprensa: "Não é possível governar uma cidade (Rio de Janeiro) onde residem 220.000 dos 300.000 servidores federais do Brasil todo. Três quartas partes desses funcionários vegetam na capital atual, atrapalhando, e nada mais, a administração central. Quem nada faz estorva. Além do mais, contou o Chefe da Nação, que os presidentes dos Institutos de Previdência podem mais do que o da República."

Criam cargos, nomeiam quem entendem e nem são obrigados a publicar as nomeações no "Diário Oficial".

(1) Palestra proferida para oficiais e sargentos do 4º RO 105 e 1º/4º RO 105.

“Se três quartas partes dos 300.000 funcionários federais apenas vegetam, sem fazer nada, estorvando ainda a administração, então temos, só no funcionalismo federal, 225.000 parasitos ou ladrões que são mensalmente pagos com os impostos do povo, cometendo assim clamorosa injustiça, durante anos e decênios.”

“E que dizer de outras categorias de funcionários que não funcionam?”

“Escusado é dizer que não incluímos nessa censura os funcionários honestos e corretos, que, felizmente, ainda existem no Brasil, embora em minoria — 25% entre os funcionários federais, segundo a declaração do Sr. Juscelino Kubitschek. Mas não é calamitoso que 75% sejam ladrões e exploradores da economia do povo?”

E, em seguida, expressa o autor citado:

“Essa praga do parasitismo não pode ser erradicada eficientemente por nenhuma medida legislativa ou coercitiva, embora essas medidas sejam necessárias para evitar maiores males. O grande mal está na **falência das consciências**. A desenfreada adoração do deus-dinheiro derrotou todas as considerações de ordem moral. Bom é aquilo que dá dinheiro; ótimo é aquilo que dá rios de dinheiro sem trabalho algum — é esta a infeliz mentalidade que tomou conta do País.”

“O indivíduo que comete injustiça vai perdendo parcela do seu valor, acabando, dentro de alguns anos ou decênios em completa falência moral, embora se tenha talvez enriquecido, materialmente, com o produto dos seus roubos.”

“Esse homem vai acumulando dentro de si um karma cada vez maior, um débito moral que tem de ser neutralizado, consoante a inexorável justiça da Constituição Cósmica. Mas a neutralização desse débito acumulado em 10, 20, 50 anos de abusos acarretará sofrimentos inevitáveis, seja no mundo presente, seja em existências futuras. Ninguém sairá do cárcere enquanto não houver pago o último vintém, segundo as palavras do maior dos mestres da humanidade.”

“O funcionário parasito e explorador só tem um caminho para se redimir: ser consciencioso e prestar ao povo os serviços pelos quais é pago, e restituir-lhe o produto dos roubos anteriores, conforme o exemplo de um grande explorador de que nos fala o Evangelho, Zaqueu de Jericó que,

reconhecendo o seu triste estado, declarou ao Nazareno: "Se defraudei alguém, restituo quatro vezes mais, e, ainda por cima, dou aos pobres a metade da minha fortuna". E disse o divino Mestre a êsse ex-explorador: "Hoje entrou a salvação nessa casa!"

E o mesmô autor, enfeixa em uma frase, uma grande verdade:

"Enquanto o homem não passar por uma profunda reforma interior, as reformas externas, embora necessárias, são precárias e ineficientes."

Pergunta permanente: Servimos à Pátria ou servimo-nos da Pátria?

Escolhendo a profissão das armas, integrando, por vontade própria, o Exército Nacional, colocamo-nos sob a proteção do Estado. Para nos dedicarmos integralmente à profissão, recebemos do Estado o dinheiro necessário para a manutenção digna da nossa pessoa e da nossa família. Se cumprirmos a nossa missão de "dedicarmos inteiramente ao serviço da Pátria", dando à nossa profissão o melhor das nossas energias psíquicas, morais, intelectuais e físicas, não creio que o termo "pago pelo Estado" seja feliz. O Estado não paga aos seus servidores; fornece-lhes meios para que êles possam servi-lo. Mas se não nos dedicamos à profissão, se fazemos dela apenas um degrau para outras ocupações, se ao invés de servir à Instituição, sômente nos servimos dela, não passaremos de parasitos, incluídos naquela frase de Huberto Rohden:

"E que dizer de outras categorias de funcionários?"

Pesa sôbre nós, mais ainda do que sôbre os funcionários civis do País, um permanente dilema:

— Servimos à Pátria ou servimo-nos da Pátria?

Ao focalizar êste problema aos Senhores, tão dignos nas funções que exercem — posso afirmá-lo após oito meses de convívio — desejo apenas fornecer elementos para uma nítida compreensão do ambiente atual do País e da necessidade de cimentarmos e aperfeiçoarmos as nossas convicções, de modo a, definitivamente, nos imunizarmos contra o contágio da descrença e do oportunismo e, com base nessa consciência, espaiarmos a nossa fé e a nossa ação, levando-as à juventude que chega aos nossos Quartéis, dentro de poucos dias, no cumprimento do dever militar.

A AÇÃO EDUCACIONAL E DE INSTRUÇÃO EXERCIDAS PELO OFICIAL E PELO SARGENTO

A ação educacional e de instrução, preconizada pelo EME, para fazer frente à Guerra Revolucionária, veio dar ênfase e orientação complementar ao papel do Oficial e do Sargento, como seu auxiliar, na educação e na instrução dos conscritos:

“A instrução dos sargentos, para os objetivos em vista, deve merecer cuidados especiais, devido à sua situação de contato permanente com os soldados.”

“Deverá habilitá-los à compreensão da importância que assume a educação do homem, de modo a torná-lo imune à penetração ardilosa das idéias subversivas...”

O verdadeiro educador

É de “Bergson”, o inspirado filósofo francês (1859-1941):

“Saber é viver, experimentar é mesmo ser. Sabe-se realmente aquilo que se vive e que se é.”

Um pensador ao estudar a vida de Spinoza (o judeu genial, elo entre Moisés e Einstein):

“O essencial é que se viva a verdade e não apenas que se estude a verdade.”

“O verdadeiro educador deve ser um homem altamente realizado”; deve ter realizado em si os mais profundos valores humanos; só assim poderá servir de guia e mentor a outros, não tanto pelo que diz ou faz, mas, sobretudo, pelo que é. Deve ser plenamente educado, para que possa educar.”

“Educar, “de educare”, derivado de “educere”, **eduzir**, conduzir para fora, isto é, despertar no homem aqueles elementos positivos que nêle se achavam dormentes, como sejam: **verdade, justiça, benevolência, solidariedade**, etc.

“Mas como poderia alguém despertar em outrem os bons elementos, se no despertador não estivessem êsses elementos plenamente despertados?”

“Ser educador equivale a um tremendo desafio para ser integralmente verdadeiro e honesto consigo mesmo. Quem não está disposto a aceitar êsse desafio, para uma veracidade integral e absoluta, não se exponha a essa perigosa e gloriosa aventura de querer educar os outros.”

As expressões, entre aspas, dêsse item são extraídas da obra citada de Huberto Rohden.

Realizada a condição de Ser e de Viver o que vai constituir o objeto da sua ação sôbre os conscritos:

Educar — realizar valôres dentro do educando;

Instruir — descobrir fatos fora do educando, normalmente, naturalmente, lealmente, o Oficial — Educador — Instrutor e o Sargento — Auxiliar do Oficial — Monitor, fazem aquilo que são, aquilo que dizem ou, por outras palavras, Dão o Exemplo.

O ajustamento à profissão

Evidentemente, só pode Crer, Saber e Viver a profissão militar aquêle que é Ajustado às suas características, isto é, aos seus Padrões ou Normas de conduta (psicológicos ou sociológicos), que êle cumpre, com satisfação.

“O estudo dos ajustamentos e desajustamentos sociais constitui aliás o objeto de várias ciências e disciplinas: da psicologia individual e diferencial, da caracterologia, da psicologia social, da psiquiatria, da criminologia, da estatística e da economia, da higiene mental, etc.”, diz Arthur Ramos, na sua “Introdução à Psicologia Social.”

“Ajustado diz-se, pois, do indivíduo cujo comportamento está em harmonia com as normas ou padrões relativos da vida do grupo a que êle pertence: desajustado é o indivíduo cujo comportamento se desvia dessas normas” (Arthur Ramos, *idem*).

O desajustamento pode ser individual e coletivo.

Evidentemente, todos os meus camaradas aqui presentes, tendo escolhido voluntariamente a profissão, são ajustados aos seus padrões ou às suas normas; e por isso são felizes, na caserna.

Mas, fatores diversos podem levar-nos, por contágio, por imitação, a desajustamentos individuais e coletivos. O que foi exposto nesta palestra, sôbre os servidores públicos, o prova. E elas foram ditas como um alerta. Tenhamos sempre, como móveis do nosso comportamento, soldados que o somos, os interêsses de beleza, de saúde, do bem — comum, de civismo, de Pátria, característicos da profissão e nos precavamos quanto aos interêsses alheios à mesma, de riqueza, de prestígio, políticos, etc., etc..

O ajustamento à profissão, como o ajustamento ao psicogrupo familiar são imprescindíveis à felicidade individual e coletiva.

A interação social. A imitação

Como parte importante à **interação social**, vamos encontrar os fenômenos da Sugestão, da Imitação e da Simpatia.

A interação em processo **intelectual** ou **cognitivo** caracteriza a sugestão; em processo **motor** ou ativo, caracteriza a imitação; em processo afetivo, caracteriza a sugestão.

Contudo, com base em diferentes autores, podemos considerar a Imitação como o processo básico de interação **mental**, tendo como base intelectual a sugestão e como base afetiva a simpatia. "Tudo em última análise, será **imitação**, se considerarmos não apenas a sua exteriorização motora, mas os seus aspectos inconscientes, cognitivos ou afetivos".

A Imitação, assim considerada, não é apenas "a cópia por um indivíduo, das ações e movimentos corporais dos outros", mas engloba também processos intelectivos ou cognitivos e afetivos.

Alguns autores admitem a imitação como um instinto (William James, J. Mark Baldwin).

Gabriel Tarde (sociólogo francês — 1843/1904) construiu mesmo, sobre a imitação, uma teoria da natureza da sociedade.

Outros autores, embora expliquem de diferentes modos o comportamento dito imitativo, não deixam de dar grande valor à imitação na interação social (Freeman, Miller e Dollard, Asch, citados por Otto Klineberg, "Psicologia Social", Editôra Fundo de Cultura S.A.).

"A imitação é consciente, a sugestão é inconsciente. A imitação envolve atenção, vigilância em relação tanto ao modelo que está sendo copiado, quanto em relação à cópia feita; a sugestão envolve "rapport", relação íntima" (Donald Pierson, PH. D., "Teoria e Pesquisa em Sociologia", Edições Melhoramentos).

"A imitação é uma função muito importante, que nunca preocupou os antigos psicólogos, mas que dá muito que fazer aos atuais."

"A imitação é pois instrumento de capital importância para o desenvolvimento" (Eduardo Claparede, "Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental", Editôra do Brasil S.A.).

"Fenômeno de alta relevância no estudo do comportamento dos "socii" no grupo, influenciado pela imitação é a cópia do superior pelo inferior, do adulto pela criança. A imitação constitui aqui elemento valioso de educação. A criança e o jovem copiam o adulto, o elemento mais ignorante copia o mais culto e melhor situado socialmente" (A Carneiro Leão, "Fundamentos de Sociologia, Edições Melhoramentos", 1956).

"Imitação não é força nem instinto, mas ocorre quando a ação ou a pessoa têm valor para o sujeito" (Otto Klineberg, obra citada).

Resumindo, a imitação, considerada como englobando processos motores, intelectivos e cognitivos e afetivos, é realizada pela cópia do comportamento da elite, do herói, dos mais velhos, dos pais, dos professores, dos superiores, elevados a Protótipos, arquetipos, modelos, standards.

O exemplo

Quanto à Fé nos valores da democracia brasileira.

Quanto à Fé na profissão.

Quanto a atitudes e comportamentos militares.

Quanto à capacidade de Renúncia de pequenos detalhes, em benefício do conjunto e da missão de Chefes.

Do valor fundamental da Imitação, assim considerada — "lato sensu" — é ressaltada a importância do Exemplo.

Diria que, por uma fatalidade social, somos Modelos de nossos comandados. Somos copiados, objetiva e subjetivamente. Muito mais do que o que dizemos, a nossa ação se exerce pelo que **somos** e pelo que **fazemos**.

É da "Arte de Dirigir" de Mário Gonçalves Viana, Editorial Domingos Barreira, Porto:

"Não há modo de mandar ou ensinar mais forte do que o exemplo: persuade sem retórica, impele sem violência, reduz sem porfia, convence sem debate, tódas as dúvidas desata e corta caladamente tódas as desculpas. Pelo contrário, fazer uma coisa e mandar outra, ou aconselhar outra, é querer endireitar a sombra da vara torta" ("Luz e Calor").

O nosso Manual de Chefia, C 20-10, enumera, como Quinto Princípio de Chefia: Dar o exemplo. São palavras desse Manual:

"Instintivamente os homens tomam o Chefe como exemplo que tanto pode ser imitado como citado para justificar suas próprias falhas. O exemplo clássico do Chefe militar é o do individuo cuja apresentação e conduta despertam nos subordinados admiração, orgulho e desejo de imitação. Cumprindo com devotamento e ardor os seus deveres, o Chefe traça a linha de conduta segura para tódas a Unidade. O Chefe que dá mau exemplo destrói o elemento básico ao exercício da Chefia, ou seja: o respeito mútuo que deve existir entre êle e os subordinados."

Ao tratar da Técnica de Chefia, o referido Manual enumera, de maneira notável, os processos utilizados com referência a êsse Princípio.

O nosso antigo Regulamento de Artilharia, "Bases Gerais da Instrução", de 1936, no artigo "Educação moral dos quadros", assim se expressava:

"É preciso, portanto, que todos os graduados pratiquem as virtudes que têm por dever inculcar e cultivar nos soldados e que, sobretudo, dêem o exemplo, excelente meio de instrução que nenhum outro pode substituir."

O nosso Regulamento — base, R1/57, fixa:

a. ao enumerar as atribuições do Comandante do Corpo:

"Art. 76.

5) Velar para que os oficiais sob o seu comando sirvam em tudo e por tudo de exemplo aos subordinados."

b. ao enumerar as responsabilidades do Capitão, Cmt da Subunidade:

"Art. 188.

5) Exigir dos seus oficiais, sargentos e cabos a penetração das responsabilidades correspondentes a cada um deles, que deverá fundamentar-se no cumprimento rigoroso do dever, na máxima dedicação ao serviço e no perfeito conhecimento dos manuais de instrução, regulamentos e ordens em vigor, compatíveis com as suas atribuições, a fim de que possam ter a autoridade moral indispensável para servirem de exemplo aos seus subordinados."

c. ao enumerar as atribuições dos Sargentos:

"Art. 197. Aos sargentos incumbe, em princípio, assegurar a observância ininterrupta das ordens vigentes, impondo-se à confiança dos seus chefes e à estima e respeito dos seus subordinados."

Do ponto de vista Educacional, do ponto de vista Pedagógico, do ponto de vista Liderológico, o nosso Exemplo (subjetivo e objetivo) é básico no desenvolvimento da personalidade do instruendo.

De nada valerá enunciarmos a necessidade de que o Conscrito tenha Fé na sua missão de defensor da Pátria, se nós mesmos não estamos inflamados pela Fé e pela Mistica da nossa missão de sol-

dados, se não estamos convictos do significado e beleza da profissão, voluntariamente abraçada.

De nada valerá conclamarmos o conscrito a manter viva a sua Fé nos valores espirituais, subjetivos, que dão significação e força à democracia brasileira, se nós mesmos não estamos impregnados de confiança na **dignidade** da criatura humana; na função do **Estado**, apenas como meio para a evolução da comunidade, dentro da Pátria; na necessidade da **liberdade** para o cumprimento da nossa destinação, gloriosa, de seres humanos, em marcha para o seu Criador, aprendendo, a duras lutas, que aquela liberdade é o nosso consentimento de apenas praticarmos o Dever, a Virtude e o Bem.

Do ponto de vista da Instrução, grande parte dos assuntos dos Programas-Padrão é aprendido, sobretudo, pelo Exemplo.

De nada valerá a realização de uma série de sessões de instrução, sobre atitudes a adotar, sobre comportamentos a manter, referentes à Apresentação, individual e coletiva, Procedimento em Diferentes Situações, modo de execução de Serviços Essenciais, como Guarda do Alojamento e do Quartel, etc., etc., etc., se os elementos dos Quadros, oficiais e sargentos, apresentarem comportamentos diferentes dos ensinados.

É muito grave no campo moral e nos campos pedagógicos e liderológico a dissociação entre o ensinado e o praticado.

Seguramente, para os principiantes da profissão militar, há necessidade de treinamento da Vontade, de modo a que eles sejam capazes de pequenas renúncias: é o acordar à hora, é a pontualidade nos atos de trabalho e de serviço, são os detalhes da apresentação individual, etc., etc. Mas, nas pequenas renúncias, temperam o caráter para as **grandes renúncias** e tornam-se moral, mental e fisicamente, dignos da sua função de Chefes, protótipos dos seus subordinados.

CONCLUSAO

Compreendida a função fundamental da Imitação na interação social e, conseqüentemente, o papel do Exemplo na educação e na instrução dos conscritos; examinada a necessidade das pequenas Renúncias, em benefício do Exemplo aos subordinados, estamos certos de que a nossa Vontade não fraquejará e os nossos Exemplos apresentarão sempre elevados Padrões, dignos da Imitação dos Brasileiros, entregues, anualmente, às Organizações Militares das Forças Armadas, para a manutenção da Ordem e da Lei e para a defesa da Pátria, comum e Bem Amada.

BIBLIOGRAFIA

- "Normas para a ação educacional e de instrução, contra a Guerra Revolucionária", 1961, EME.
- C 20-10 "Princípios de Chefia", 1953.
- "Novos Rumos para a Educação", 1960, HUBERTO ROHDEN, Livraria Freitas Bastos S. A.
- "Psicologia Social", 1959, OTTO KLINEBERG, Editora Fundo de Cultura S. A.
- "Fundamentos de Sociologia", 1956, A. CARNEIRO LEAO, Edições Melhoramentos.
- "Teorias e Pesquisa em Sociologia", DONALD PEARSON, PH. D, Edições Melhoramentos.
- "Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental", 1956, EDUARDO CLAPAREDE, Editora do Brasil S. A.
- "Introdução à Psicologia Social", ARTHUR RAMOS, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil.
-
-

A FUNDAÇÃO OSÓRIO, destinada à educação das filhas órfãs de militares das Forças Armadas, necessita de seu apoio, prezado camarada, para prosseguir em sua nobilitante tarefa educacional.

Venha visitar-nos e ver de perto o que estamos fazendo há 44 anos, pela família militar brasileira.

Auxilie-nos !

Torne-se sócio contribuinte de nossa FUNDAÇÃO ! É muito simples. Autorize sua Unidade a descontar mensalmente em fôlha, a favor da FUNDAÇÃO OSÓRIO, a quantia que fôr de seu agrado — NCr\$ 0,50 ou NCr\$ 1,00.

Estamos certos de contar com você, prezado camarada, de coração bem formado.

E promova, também, uma campanha em prol de nossa FUNDAÇÃO em sua Unidade.

Por tudo nós lhe ficamos gratos.